



A voz em (instabilidade de) rede

The voice in (instability of) network

Liana Ferraz Diniz ¹

Sônia Goussinsky ²

1. Liana Ferraz Ferraz é atriz e escritora. Professora de Expressão Vocal na Escola Superior de Artes Célia Helena. Coordenadora do Mestrado Profissional em Artes da Cena na mesma instituição. Autora dos livros *Elas estão quietinhas* (2016) e *Analógica* (2019). Doutora em Artes da cena pela UNICAMP (2013). E-mail: liana.ferraz@celiahelena.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7815-3021>

2. Sonia Goussinsky, cantora, preparadora vocal e musical, é professora no Bacharelado e no Mestrado Profissional em Artes da Cena da Escola Superior de Artes Célia Helena. Pós-graduada pela Guildhall School of Music and Drama de Londres e pelo Centro de Estudos da Voz (CEV), em São Paulo. Doutora em Letras pela USP (2013). E-mail: soniagous@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3930-5288>.

Resumo |

Perceber e discorrer sobre processos das aulas de estudo e práticas vocais em tempos pandêmicos, é o objetivo desse ensaio em fluxo de pensamento. A experiência de dois semestres sem ouvir a voz presencial-viva de nossas alunas e nossos alunos trouxe a perspectiva de um novo encontro possível, com especificidades ao mesmo tempo desafiadoras e surpreendentes.

Palavras-chave: voz; teatro; virtualidade; vocalidade.

Abstract |

Perceiving and discussing the processes of study classes and vocal practices in pandemic times, is the objective of this essay in thought flow. The experience of two semesters without hearing the live voice of our students and our students, brought the prospect of a new possible meeting, with specificities that are both challenging and surprising.

Keywords: voice; theater; virtuality; vocality.

a voz (isolada(fala. a voz)con) versa

transmitida pelas ondas sonoras,
carregadas pelo vento.

a voz fala junto com o vento. e com o som do vento, das coisas que viajam
junto.

a voz
pode pensar
mas
não fala sozinha.
(ou até fala)
será?

a voz se apoia em lugares-perguntas. em certezas por um triz.

a voz sempre carrega com ela os ruídos, os sons, as outras vozes, as
expectativas, o endereço do ouvido, um ou muitos, para o(s) qual(is)se
fala.

a voz, quando interna, pensamento, fala para si, reverbera em cada
detalhe do corpo. a voz, inevitavelmente, vibra.

a voz diz para além de falar. a voz conta. a voz, nas entrelinhas, narra. narra
o eu daquela voz e o que o eu está vivendo no nós, nesse nós que sempre
existe, em nuances que transitam entre, acolhedoras e esmagadoras.

a voz registra no ar, condiz, contradiz-se, ambivale. pode tentar camuflar,
mas no fundo não engana. exhibe. inclusive o que pretendemos abafar. a
voz conta pela ausência. a voz, silenciada, pode até gritar.

a voz vibração, escutada pluraliza, compartilha a experiência.

o ciclo da voz na instabilidade da rede

para que a comunhão se efetive, o ciclo supostamente precisa de três elementos indispensáveis: o emissor, o receptor e o canal de comunicação.

ocorre que, infelizmente, nos últimos meses não pudemos nos respaldar na devida firmeza dos nossos canais tecnológicos de comunicação sonora. assim, isolados na pandemia, tendo que contar com conversas online e telefônicas, por várias vezes transitamos por entre mil nuances do (não nos sentirmos ouvidos(e do)parecer que não temos voz). por mais poesia que haja na palavra nuvem, a voz habitada na nuvem, concretiza-se como fios elétricos amontoados. onde começa a minha voz? onde começa a voz de alguém? a voz que escuto é a minha? como será que ela soa para quem tem, de mim, a distância de ser outro?

temos voz. nem sempre é a que gostaríamos de ter, mas temos voz. sempre dizemos, intencionalmente ou não, mesmo calados ou amordaçados. e, em tempos atuais, de uma forma ou de outra, sabemos que, apesar das falhas de áudio da nossa comunicação virtual em tempo real, conseguimos dizer.

conseguimos nos comunicar. temos sede disso. e para tal buscamos meios. é humano. é biológico. mesmo que o que revelamos possa estar dizendo quase que exclusivamente sobre a nossas angústias e sobre o medo de não sermos escutados.

o apagamento histórico tenta
silenciar vozes.

não consegue.
 voz costuma encontrar
 furos na barragem e
 versa
 arrebitando aos poucos
 o que a aprisiona ou aprisionou.

não podemos nos esquecer disso ao pensarmos voz em tempos de isolamento social. fácil seria afirmar que a voz, agora, é a protagonista da comunicação e que, mesmo que a imagem falhe, é a ausência da voz que cala e não permite o contato. porém, lembrar que a voz não vem sozinha nunca, nos lança para a questão: quem tem vindo com ela nas teleconferências, teleaulas, teleconversas, etc? o que a voz pode carregar que consiga ser mais dinâmico do que o ruído castrador dos canos invisíveis repletos de fios?

eu achava que sabia o que era virtualidade)

os últimos meses nos forçaram a reconsiderar os elementos mais básicos sobre os quais tínhamos, até então, construído nossos modos de vida, a incluir nosso movimento para dentro e para fora, nosso olhar, nossa voz. a noção de encontro humano mudou. e, sob a perspectiva do trabalho teatral, pautado pelo encontro, tivemos nossos alicerces arrancados do chão. se em algumas profissões tivemos uma continuidade das relações e resoluções intermediadas pelas telas, percebemos que nós, artistas da presença, pesquisadores, antes engatinhávamos na tecnologia das comunicações e acreditávamos ser avançados. estávamos apenas testando as funcionalidades desses saberes, começando a explorar e entender (especialmente em termos de veiculação sonora on-line) quando de repente, num susto duradouro, nos deparamos com a fragilidade coletiva do grupo humano nesses seus (novos) modos de comunicação.

a voz utilitária, ou seja, aquela incumbida da transmissão de informações, já sofre com a ausência da temperatura, do gesto não intermediado, da intuição da escuta que se dá entre dois seres que ocupam o mesmo espaço. sabemos que grande parte da comunicação se dá por elementos gestuais, corporais, subliminares, subjetivos. sendo assim, a era da tecnologia traz como efeito colateral a overdose da palavra informativa que, ao contrário da sua função inicial, acaba por desinformar. se levarmos essa percepção para a voz poética, aquela de (pegar delírio) ou de (fazer nascimentos) como diz Manoel de Barros, aí a reinvenção imposta da comunicação alcança novos patamares de complexidade.

A sala de aula foi para a tela

Na (Instituição de ensino superior) onde ministramos as disciplinas relacionadas à prática vocal, conseguimos, rapidamente, estabelecer contato virtual com as turmas assim que foi decretado o isolamento. No dia seguinte (e isso não é uma figura de linguagem) estávamos trabalhando os conteúdos nesse novo formato. Com a coragem e resiliência típicas de uma classe que insiste em fazer arte em meio à adversidade, nos lançamos em mais esse desafio.

por um lado, que bom que pudemos continuar, já é um grande feito. corajoso inclusive. por outro lado, a vida hoje está nos ensinando coisas, às vezes duras, sobre nós mesmos. coisas que sequer sonhávamos ou queríamos aprender.

e seguimos em frente, com todas as lacunas. principalmente com as de causa e impacto emocional. todos ficamos impactados pela crise de modos diversos.

o que aprendemos? que decisões tivemos que tomar nas encruzilhadas? como sobrevivemos? como estamos pensando sobre as relações?

e, nesse contexto, como está a nossa voz em seus vetores internos e externos?

como esse terremoto funcionou e tem funcionado nas aulas de voz para

jovens estudantes de artes cênicas no Brasil e duas de suas professoras? como escolher o que priorizar online, dentre as inúmeras possibilidades de recortes do caleidoscópico trabalho vocal em seus conjuntos de atributos inerentes aos aspectos de fisicalidade, musicalidade, pensamento, em suas motivações e decorrências expressivas?

a escuta do professor, enquanto farol da trajetória do trabalho, corre ao encontro da flexibilidade. a nossa busca é escolher o que priorizar, levando em conta os nossos planos de ensino, nossos mais singelos desejos de mudar o mundo, as individualidades, a rede de subjetividades, e o contexto dos efeitos psicofísicos gerados pela pandemia em várias esferas.

cada turma em cada momento é única. a turma tem assinatura feita de teia de personalidades. ora, com uns, vale acender a luz da técnica, ora, com outros, a luz do pensamento. de qualquer forma, essas luzes, em infinitas nuances, se permeiam. são facilitadoras umas das outras, ou, ao menos, deveriam ser. servem a um bem comum, iluminar o devir de potências comunicativas do viver, do fazer artístico, do fazer teatral.

percebemos que a angústia do remetente em não atingir o destinatário, o medo de falhar, ou de sua mensagem ser recebida em fragmentos desfigurados entristece e atormenta. o eco, antes ressoando no outro, agora alcança paredes conhecidas e ouvidos nem sempre cúmplices de tantos experimentos ousados. ecoar é lançar-se num ambiente seguro, de confiança e reciprocidade. ecoar voz poética em espaços cujas funções são de outra ordem, confunde.

sem que percebamos, cada tormenta, de cada átimo, fica impregnada no corpo e produz acúmulo e desgaste emocional. se não nos atentarmos, nesses tempos de entroncamento de comunicação, nos percebemos tomados pela impotência. ela se infiltra. a sensação de impossibilidade, tensionando corpos-vozes, paralisa e reprime. a velocidade da

propagação do desânimo é assustadora. podemos pensar num ambiente de desalegria, aqui entendendo a alegria como pulsão vital necessária à criação, emprestando, livremente, o conceito de Spinoza (apud TELLES et al., 2017).

esta pequena reflexão, em um turbilhão de ideias que têm perpassado nossos viveres e saberes, tem o objetivo do eco. encontro da voz com o outro, recepção e re-escuta. não se pretende, portanto, ocupar essas páginas com respostas ou panoramas históricos precisos. a história, quando está acontecendo, ainda não pode ser contada, mas, sim, registrada.

a palavra e a vocalidade paraverbal não respiram fora de um contexto. o canal entroncado é contexto. também conta sobre a comunicação daquele instante, fala do emissor, do receptor e da humanidade. na gesticulação, no olhar, no rosto, na composição, no corpo, que veiculam. o texto que aqui apresentamos é vocalizado na medida em que nos recusamos a acomodá-lo em definições e compartilhamos incertezas. assim como a voz se pendura no ar, a volatilidade do momento nos carrega mais para a voz do que para a letra. escrevemos, mais do que a quatro mãos, a duas vozes.

a voz, aparentemente nosso portal rumo à possibilidade de uma comunicação efetiva, passa por uma prova nunca antes vivida com tanta intensidade. nossa voz não faz eco. é filtrada por filtros indesejáveis e é achatada ao plano bidimensional do contato pela tela e se depara engessada na digitalização de ondas sonoras com efeito subtrativo de sons harmônicos e de sons resultantes. escutamos apenas um fio do tecido das ondas sonoras.

a propagação das ondas, mesmo tendo destinatário, nem tem endereço.

tem e-mail.

e qual a diferença entre endereço e e-mail nesse caso? a diferença é que a voz, ao encontrar seu endereço, diz a que veio no mesmo instante. a voz é a possibilidade do instante tanto da emissão quanto da recepção. falar é se ouvir e ser ouvido simultaneamente. falar por fios, chegar por e-mail, tira a recepção simultânea, tira o compartilhamento de tempo-espço. falar sem ser ouvido é prato cheio para a solidão. e a solidão é prato cheio para o grito (mudo ou não). imagem de corpo e alma.

solidão não é solidude.

a solidão de um aprendiz de arte

ainda é possível se comunicar de forma utilitária com certa facilidade quando pensamos na voz eletronicamente mediada. a função utilitária da voz, aliás, criou meios de comunicação virtuais. provavelmente, não pensamos, enquanto sociedade, no telefone como um meio de recitar poemas. pensamos na emergência, no contato para algo, na função social daquela troca de palavras. optar por mandar e receber áudios, mesmo que longos, para colegas, para os alunos é escolher e defender a potência comunicativa da voz, mesmo que gravada. é o que temos para esses tempos de isolamento social) isso também facilita a fluidez do que se quer dizer sem ser interrompido pelos mal-entendidos causados pelo delay que muitas vezes não nos deixa sequer saber se estaremos ou não invadindo a fala alheia. a própria pessoa que grava, quando não num ato súbito de desesperado desabafo, pode parar para refletir sobre seu próprio discurso e refazê-lo. para quem fala, muitas vezes, é um aprendizado poder ouvir o próprio discurso, como revela a psicanálise. isso parece não muito poético, no entanto, quem nunca reescutou sua própria mensagem de áudio recém enviada? Por outro lado, estamos

aqui falando de simultaneidade. Compartilhar tempo-espço é assumir o risco do desajuste, da desafinação. Quando pensamos na voz como algo passível de rasura, edição ou mesmo reparação, como nos áudios onde podemos desistir antes de terminar de falar ou desistir apagando a mensagem, pensamos no atrofiamento da coragem. Lançar a voz e ser ouvido é de uma fragilidade que nos une pelo humano que somos. Lançar a voz é arriscar-se. A voz falada é a letra sem rasura. O teatro, enquanto atividade presencial, nos obriga ao risco. Mais uma vez, aqui, a situação onde a virtualidade pode gerar tanto o encorajamento que decorre da segurança de conhecer-se sonoramente quanto a insegurança de lançar a vocalidade num terreno onde não será possível apagar, editar ou desistir. O equilíbrio pode ser a resposta. Mas não estamos falando de equilíbrio no atual contexto histórico, mas de uma radicalidade da comunicação virtual oriunda de uma emergência de ordem mundial. Ou será que estamos falando justamente de equilíbrio, no que tange o inerente pêndulo de nossas escolhas de postura de ser e estar nas adversidades impostas? Sabemos que inexistente um modelo genérico de reação aos gigantes quixotescos aparentemente intransponíveis. Existe, sim, talvez ressoando Viktor Frankl, a possibilidade de garimpar sentidos no resistir, respirando, pulsando, exalando.

*os grilhões da situação vêm acentuados por
amarras psicossociais. mesmo na incerteza,
quantos dribles nossos coletivos realizaram nos últimos meses. mais
uma vez
a arte escancara sua potência de mobilizar os fluidos. pudemos
compartilhar,
apesar de tudo, processos criativos tão carregados de expressividade e
engajamento...*

para os que se restringem à comunicação utilitária, provavelmente, estão acostumados à voz virtual. conseguimos resolver diversas coisas por telefone e não é de hoje que os e-mails articulam inúmeras conversas que se deslocaram de reuniões presenciais para troca de letras digitadas. no entanto, o aprendiz de arte convoca-se (quando escolhe esse ofício) para novos jogos, novas possibilidades para a voz. prepara-se, como escutador e falante; como corpo-voz uno e íntegro; como propagador de imagens pelo espaço. a esse aprendiz restam poucos interlocutores reais, de carne, osso, tímpanos e labirintos. os interlocutores virtuais, embora dotados dessa mesma fisiologia, não estão na escuta cardíaca, cuja temperatura conversa também; cujo silêncio não deve-se à conexão instável.

aliás, quantas conexões instáveis!

aprendiz de arte quer se comunicar, entender as conexões instáveis da sua própria subjetividade e almeja poder tocar as subjetividades dos outros. é o inexplicável vetor de via dupla desejado entre o artista e o receptor. não se trata de agradar, mas de dizer. tocar, de inúmeras formas. com ou sem som. estamos falando do movimento de afetos e não de dados.

o vetor, em si, durante a pandemia tem sido instável, inseguro.

*você está aí? está me ouvindo? pode repetir a partir
da palavra x?*

vc travou. voltei. voltei?

*travei um pouco. está travando. estou travado. travou aqui pra mim.
fui eu quem travou? foi aqui? foi aí? sua câmera está fechada, mas vc
está me ouvindo? estou de câmera fechada, mas estou ouvindo tudo.
acabou a aula e x caiu e não desligou. caiu mesmo ou esqueceu de*

*avisar que não estava aqui?
 você está mutado. seu microfone está vazando. é meu cachorro.
 é meu gato. não posso vocalizar agora, tem gente dormindo.
 vou deixar a câmera ligada para o professor ficar feliz. para não ser
 indelicado. estou na rua de máscara, estou ouvindo mas não vou falar
 nada.
 fui levar a pequena no médico, vou ouvir mas
 não posso fazer o exercício.*

o professor não fica feliz ou infeliz, não se trata disso. Trata-se de sentir o aluno, se não pela visão, muito pela audição. O professor também está em busca do eco.

*qual a (melhor) plataforma ou app?
 vamos de zoom, skype, google meeting, whatsapp, teams?
 qual soa
 (melhor)? qual tem menos
 (delay)? posso compartilhar
 tela? a aula ficou
 gravada? você está
 travando. ou
 sou só eu?*

não funciona bem se todos estão com o microfone aberto, ou ao menos, de forma sonora e minimamente inteligível no que dizem as expressões vocais individuais.

o (delay) tem sido o pesadelo para os professores de música e de voz. fica impossível o acompanhamento instrumental de um lado da tela

enquanto o aluno fala ou canta do outro lado. aqui também tem sido necessária a reinvenção.

muitos de nós, pedagogos da voz, nos impulsionamos em correria rumo a descobertas de programas de áudio, de mixagem e de possibilidades de obtermos as sonoridades individuais casadas de forma organizada. E descobrimos que não poderíamos ser tão estritos na mixagem organizada e limpa para não perder a vida do sutil desencontro silábico e articulatório que enchem de vida as polifonias da cena ao vivo.

para quem tem a chance de ter mais equipamentos ou mais elaboração em quesitos tecnológicos, podemos sempre esperar que (soltem) o acompanhamento instrumental em seus aparelhos ao mesmo tempo que entoam. mas e quem não tem essa possibilidade? às vezes em turmas, uns têm e outros não. precisamos pensar em tudo isso e lidar com cada caso e com a potência e necessidade de cada encontro. Aliás, faz-se necessário lembrar de que estamos falando de tecnologia num país onde milhões recentemente adentraram a linha da pobreza e voltamos a ter lugar no mapa da fome. Estamos aqui falando de um recorte, de um lugar de onde vemos as questões da arte na pandemia, mas, como registro histórico, jamais nos furtaremos do compromisso com a circunstância dada e ela, num espectro mais amplo, é desoladora.

voz perto-longe-longe-perto

sobre a saúde vocal, durante esses meses de pandemia, vozes ficaram mais cansadas e fatigadas, principalmente a dos professores.

sabemos das distâncias físicas que separam os interlocutores on-line e, assim, tentamos fisicamente vetorizar nossas gargantas tensionadas em direção à tela. isso é inconsciente e quase que automático. tem a ver

com o desejo de atingir.

do ponto de vista técnico sonoro, jovens alunos de teatro precisaram, nas aulas de voz desses meses, além de ser acolhidos em suas fragilidades perante o mundo em pandemia, rever quais seriam as prioridades sonoras de sua expressividade vocal adaptadas a novos parâmetros longamente momentâneos para as suas atividades e demandas práticas on-line.

apoiar-se em quais lugares-perguntas? qual a disponibilidade energética desse corpo sonoro?

quais são os afetos que movem as vozes?

onde está o olhar da voz?

aproximar-se mais ou menos do microfone? usufruir de alguns recursos de fontes originárias de intensidades timbrísticas

do grito ao sussurro?

aquecer e desaquecer para uso on-line?

seria real imaginar gestos vocais que "cabem" e que não "cabem"?

"cabem" para quem? em quais contextos? e os vizinhos e parentes? sem intenção intimidam a exploração vocal ilimitada?

quais interjeições brotam? de onde brotam?

como usufruir das perspectivas arquitetônicas de camadas de sons em suas linhas de fraseados e distâncias?

projetar a voz longe no quarto? gritar pela janela? ouvir o mundo lá fora? ouvir e responder? escutar o eco de si mesmo?

ouvir e respirar? ouvir e metabolizar?

só respirar e voar
com o impulso sonoro?

aula de voz com microfones fechados,

com microfones abertos,

um a um,

dois a dois,

três a três,

todos juntos se entrecortando e improvisando.

com textos,

sem textos,

contextos,

com música, sem música.

e nós,

nas nossas telas dentro das casas deles,

escutando tudo o que é possível,

ouvindo áudios//gravações

ssssentindo o som ao vivo

ouvindo as mensagens de sol(idão),

assistindo atentamente ao movimento

muscular

das faces

e expressivo

dos pescoços

das mandíbulas, dos lábios, dos olhos, dos corpos dos alunos.

www. conectando vias de sensibilidade que acionam uma escuta extra.

com

(re)-forçando conexões e em busca contínuuuuuuuuuuuuuuuuuua,

~~sem descanso, sem invasão~~

só percebendo e tentando gerenciar as solidões.

o áudio coletivo escolhe sons individuais que se impõem perante os demais sons, e é aleatório.

((((sair da sala))))((((encerrar reunião para todos))))((((sign out))))))

almejamos, alunos e professores, artistas artesãos de vida e de liberdade,
dar voz, trazer voz, libertar voz, (des)cobrir voz, revelar voz, (des)velar

voz, ouvir singularidades, retumbar o coletivo que grita.

aos artistas e grupos que hoje nos procuram, entendemos que já não se trata de dar voz. todos temos voz. trata-se de dar espaço.

a voz, o teatro, chegam?

Referências

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

TELLES, Narciso, FERRACINI, Renato, de BULHÕES-CARVALHO, Ana Maria; CARREIRA, André. Representação e Ética. *OuvirOUver*, 13 (1), p. 162-176, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/36977>. Acesso em: 06 out. 2020.

Submetido em: 12/11/2020

Aceito em: 07/12/2020